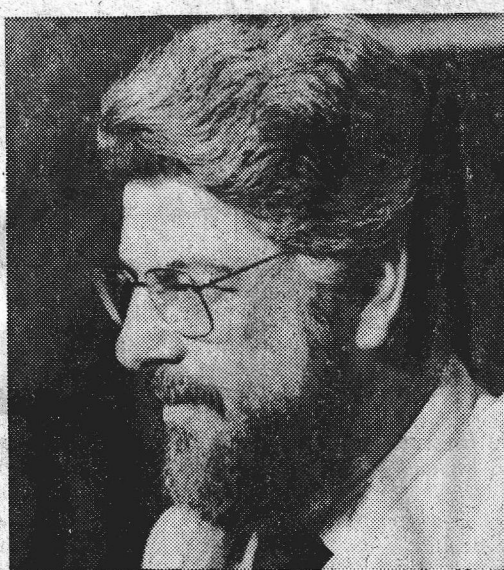


Antonio Batalha/AE — 23/11/88



João Pires/AE — 13/4/88



AE - 17/2/87



Maurilo Claretto/AE — 3/8/88

Bresser Pereira: liberar câmbio seria absurdo

Barelli: não ao golpe, militar ou econômico

Macedo: "Os leões devorariam os macacos"

Della Manna: paliativo à espera do novo governo

25 JUN 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

Falta estrutura para nova tentativa

Os economistas duvidam de sua eficácia e os empresários o temem, mas não o descartam

O assessor especial do ministro Mailson da Nóbrega, Cláudio Adilson Gonçalves, nega a preparação de um novo choque na economia. E garante que o noticiário a esse respeito provoca risos na área econômica do governo. Já os empresários e economistas não duvidam de que se a inflação continuar a subir no ritmo de junho, o governo tentará outro plano de impacto.

Num ponto, porém, eles concordam: o governo não tem estrutura suficiente para aplicar as idéias de liberalismo do deputado pedetista César Maia. Não que sua teoria seja ruim. Ao contrário, na maioria das idéias ortodoxas de sua proposta é defendida, principalmente, a abertura do mercado às importações, a eliminação total dos subsídios, a ampliação da base de arrecadação tributária, privatização e redução da folha de pagamentos do governo.

No entanto, agrupar as medidas ortodoxas num choque liberal, hoje, equivaleria, na opinião do presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, Roberto Macedo, a abrir to-

das as jaulas do zoológico ao mesmo tempo: "Os leões devorariam os macacos", garante. Além de o governo estar sem moral para apli-

Para Walter Barelli, o trabalhador não aceita novo choque

car a maior parte dessas medidas, diz ele, um choque desse tipo sem uma rigorosa lei antitruste, sem uma fiscalização implacável do mercado de capitais e programas de benefícios sociais bem direcionados, tudo o que se conseguiria seria aprofundar as desigualdades e distorções atuais.

A economia não agüenta mais

experiências, afirma o empresário Roberto Della Manna, diretor da Fiesp. "Principalmente agora que o Plano Verão desmoralizou o governo ainda mais", diz. Por isso, ele defende a aplicação de simples medidas paliativas para estabilizar a inflação até que o novo governo possa se dedicar ao controle efetivo da economia. O presidente da Associação Comercial de São Paulo, Romeu Trussardi Filho, endossa a posição de Della Manna e acrescenta que a política mais adequada, no momento, é justamente a do feijão-com-arroz, abandonada por Mailson.

Mas, para o ex-ministro da Fazenda, Luís Carlos Bresser Pereira, a

coisa é mais complicada. Ele insiste em que não é possível evitar a hiperinflação sem um congelamento de preços que anteceda qualquer medida ortodoxa de curto ou médio prazo. Além disso, a liberação cambial seria um "absurdo insuportável para as reservas do País". Acabar com a inflação e retomar o desenvolvimento é tarefa para o próximo governo, afirma Bresser. De qualquer forma, os trabalhadores não apoiariam um novo choque, ortodoxo ou não, sem serem consultados antes, garante o diretor do Dieese, Walter Barelli. "Não podemos defender que um golpe militar seja substituído por um golpe econômico", afirmou.